

# APRESENTAÇÃO

---

## PRESENTATION

Catalina Rodríguez\*  
Michele Freire Schiffler\*\*  
Rafaela Scardino\*\*\*

### Cruzamentos ancestrais: mulheres e o não-humano diante do futuro

Em seu estudo ecofeminista fundamental, *Feminism and the Mastery of Nature*, a filósofa australiana Valerie Plumwood defende o questionamento das noções hierárquicas e teleológicas que estão no centro da tradição ocidental, o que ela chama de “identidade dominante”. Sua proposta não é eliminar as categorias ou modelos de pensamento, mas sim visualizar sua utilidade política para redefini-los ou reconstruí-los em termos menos oposicionais e hierárquicos. Esse convite está no cerne da proposta de “Cruzamentos ancestrais: mulheres e o não-humano diante do futuro”. O título do nosso dossiê parte do questionamento da noção teleológica associada à produção de conhecimento, para, em seu lugar, visualizar uma encruzilhada temporal: entre noções ancestrais que retornam por meio de vozes líricas e propostas ficcionais, e novas propostas teóricas que emergem dos

1

---

\* Professora assistente de espanhol na Boston University, especialista em literatura e cultura latino-americana.

\*\* Professora no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGL/UFES), atuando nas linhas de Pesquisa Literatura, Alteridade, Sociedade (LAS) e Literatura e Outros Sistemas de Significação (LOSS).

\*\*\* Professora na Universidade Federal do Espírito Santo, atuando principalmente nos seguintes temas: literatura contemporânea, biopolítica, teorias do comum, feminismo e ecocrítica.

feminismos, das epistemologias alternativas, dos estudos ecocríticos e das questões em torno ao não-humano.

Nesse sentido, os artigos que compõem nosso dossiê exploram, a partir de diferentes perspectivas, debates em torno dos feminismos (plural, comunitário, afrolatino-americano, decolonial), dos saberes ancestrais, das epistemologias alternativas, do não-humano, dos estudos ecocríticos e da produção literária. Trata-se de múltiplas perspectivas que convergem na construção de saberes não hierarquizados, cujos diversos *loci* de enunciação fazem proliferar os cruzamentos que impulsionaram nossa proposta.

O primeiro artigo do dossiê “A escrita de mulheres, a terra e os elementos não-humanos no conto ‘Quando chove parece humano’, de Giovanna Rivero”, de autoria de Fabianna Simão Bellizzi Carneiro, relaciona elementos não humanos, como o jardim, à resistência de personagens femininas diante do apagamento histórico decorrente da violência patriarcal. A escuta dedicada à terra permitirá às personagens desdobrar memórias e encarar o futuro que se entrelaça ao cultivo.

Paulo Petronilio Correia, ao tratar a ancestralidade como categoria central que conecta tempo, corpo e memória na obra de Cidinha da Silva, reapresenta questões fundamentais sobre a história nacional a partir de experiências negras e indígenas, rompendo com o apagamento histórico provocado pelo racismo. Seu artigo “Um lance de búzios: a representação da ancestralidade em Cidinha da Silva” introduz o conceito de literatura-terreiro, cuja força advém “da encruzilhada das literaturas em suas diferenças e marginalidades”, em profundo diálogo com a proposta do dossiê.

A presença de saberes ancestrais também é tema central de “Povos indígenas venezuelanos e repertório cultural em *Cuentos guajiros* (2011), de Milagros Socorro”, artigo de Solveig Josefina Villegas Zerlin que discute, desde uma perspectiva decolonial e feminista, a obra da autora venezuelana a partir de um “imaginário territorial” localizado na Sierra de Perijá. O repertório cultural convocado para compreender práticas e saberes ancestrais de povos indígenas

venezuelanos destaca a centralidade das mulheres como transmissoras de conhecimento e cuidado, reforçando a resistência cultural frente à herança colonial.

Cláudia Paulino de Lanis Patrício, Rainã Jacobsen Maier e Eduarda Ferreira Tonon mobilizam o conceito de neofantástico para analisar a obra da escritora equatoriana Mónica Ojeda. Em uma leitura que destaca o mito andino das *voladoras* para abordar questões de violência de gênero, as autoras do artigo “Entre o mito e a denúncia: uma leitura do neofantástico em ‘Las voladoras’ de Mónica Ojeda” afastam-se da negatividade ocidental atribuída às “bruxas” e enxergam, nas *voladoras*, um ser ambíguo que, sem deixar de produzir medo, também se conecta à resistência contra a opressão patriarcal.

O artigo “A poética de Márcia Kambeba: feminismos indígenas e a descolonização do corpo-território pela palavra” dá continuidade ao prolífico diálogo com saberes não ocidentais, apresentando a obra da autora que é considerada uma das grandes vozes da literatura indígena produzida no Brasil contemporâneo. Valorizando a relação entre oralidade, memória, corpo e território, Paulo Valente apresenta uma leitura do poema “Mulher indígena em movimento” em que a própria linguagem poética se configura enquanto espaço de insurgência e construção de epistemologias outras, que afirmam “modos plurais de ser, de saber e de viver”.

Em “Ciborgues, xamãs e seres híbridos: ficção científica indígena e o futuro ancestral”, Tiago Negrão Andrade e Maria Cristina Gobbi propõem que a ficção especulativa indígena, ao promover outros modos de conhecer, existir e habitar, desestabiliza as ideias ocidentais de ciência e futuro. O artigo considera que tais narrativas são “parceiras epistêmicas” que apresentam corpos híbridos que integram espiritualidade e tecnologia numa reflexão sobre a interdependência e a política do cuidado, oferecendo novos “horizontes do imaginável”.

Juliana Rodrigues Morais aborda o imaginário mito-poético sertanejo no *Romance da Pedra do Reino*, de Ariano Suassuna, a partir da análise de personagens femininas – humanas e não-humanas. O texto destaca a interdependência entre masculino e feminino, rompendo com hierarquias patriarcais e mostrando essas categorias como

complementares e dinâmicas. “A Peleja entre o Feminino e o Masculino no Romance da Pedra do Reino, de Ariano Suassuna” apresenta pertinentes considerações sobre questões de gênero e papéis sociais, de modo a evidenciar as imposições do patriarcado, e as rasuras realizadas pela cultura popular, apresentando um “mundo onde o sentido não reside no poder/dominação, mas na composição entre as diferenças”.

O artigo “Quando rompe uma barragem de minério: uma análise do conto ‘Rejeito’, de Junia Zaidan” enfoca a luta por justiça ambiental a partir do relato ficcional de uma mulher traumatizada pelo rompimento de uma barragem de rejeitos em Barcarena (PA). Além da destruição ambiental, o texto enfoca a desagregação dos laços comunitários e a violência direcionada àqueles que buscam justiça e reparação. Com uma contundente crítica ao extrativismo predatório e às injustiças socioambientais, Ana Sophia Brioschi Santos e Grace Alves da Paixão convidam-nos a compreender como a literatura, em seus atravessamentos de gênero e classe, propõe questões urgentes “tanto para as comunidades vulneráveis como para formas de vida não humanas atingidas por catástrofes agenciadas pelo extrativismo predatório e toleradas pelo Poder Público”.

Também debruçando-se sobre os efeitos destrutivos da mineração de larga escala, Bruna Freitas Figueiredo e Vinícius Rodrigues Ximenes analisam, em seu artigo “Na raiz fóssil da humanidade: colonização e Antropoceno em *O gosto amargo dos metais*, de Prisca Agustoni”, uma obra poética que tematiza diretamente os crimes ambientais de Mariana e Brumadinho, ocorridos em 2015 e 2019, respectivamente, no estado de Minas Gerais. Diante da face “colonial-racial” de nossas epistemologias destrutivas, o texto nos apresenta a possibilidade de se fundar uma voz coletivizada diante da catástrofe socioambiental e propõem que a crise ambiental é também uma crise epistemológica, “na medida em que põe em relevo certa base de pensamento a qual sustenta uma postura instrumental e exploratória frente ao mundo”.

Em “O humano como montagem, o animal como recusa: *A paixão segundo G.H.* e o périplo outro que humano”, Evandro Sant’Anna aborda a tensão entre o humano e o animal, buscando demonstrar como a própria categoria “humano” é uma construção

que se sustenta, histórica e discursivamente, na recusa da animalidade. O artigo propõe uma leitura que descentraliza o humano, retirando-o de seu lugar enquanto medida de tudo que existe, prescindindo dos binarismos e mobilizando a obra de Clarice “como uma espécie de lupa que nos permite não apenas vislumbrar o que cotidianamente nos passa despercebido, como também tensionar essas forças simbólico-semânticas no momento em que elas se tornam perceptíveis”.

O artigo “Transtextualidade insurgente: entre o arquivo colonial e os futuros decoloniais”, de Ana Carolina Morais de Souza e Augusto Moretti de Barros, revisita a representação de corpos de mulheres racializadas no cânone da literatura brasileira a partir de práticas de transtextualidade insurgente, a fim de rasurar os traços da colonialidade do ser e do saber. Dessa forma, a transtextualidade insurgente opera como ferramenta de resistência, reconfigurando o imaginário coletivo, questionando estereótipos históricos e ampliando possibilidades de representação. Tal proposta permite reconhecer a “literatura não apenas [como] um espaço de diálogo textual, mas [como] um campo de intervenção ativa na memória cultural e nas formas de representação dos corpos historicamente subalternizados”.

\*\*\*

Esperamos que os artigos reunidos neste dossiê contribuam para o diálogo e a reflexão sobre os mundos que desejamos construir, nos quais a diversidade de existências, vidas, culturas e costumes supere os dualismos redutores da tradição ocidental. Às autoras e aos autores, deixamos nosso agradecimento. Às leitoras e aos leitores, desejamos uma proveitosa leitura.